

1

Introdução

O presente trabalho surgiu, antes de tudo, a partir do desejo de embasamento teórico e reflexão sobre a prática. Prática esta guiada pela busca de uma postura dialógica na inserção profissional, que favoreça uma aliança entre o saber do campo ‘psi’ e as particularidades do ambiente em que o profissional se insere. Prática estabelecida a partir do projeto social de uma ONG¹ numa escola pública municipal, de primeiro segmento do ensino fundamental, localizada nas proximidades da Comunidade Santa Marta, situada no Morro Dona Marta, bairro de Botafogo, Rio de Janeiro. Fazer parte deste projeto proporcionou-me a oportunidade de dar os primeiros passos em direção ao caminho de exploração: busca constante de escuta e observação, estudo, participação ativa e reflexão relacionados ao sistema escolar, suas especificidades no mundo contemporâneo e seu impacto sobre a subjetividade de seus atores, principalmente alunos e professores. Inserida neste campo desde o ano de 2000, a vivência como psicóloga trouxe uma série de questionamentos, indagações e indignações, além de uma grande ansiedade pela busca de estudos e teorias que embasassem e aprofundassem tal prática profissional. Trouxe também a possibilidade de acompanhar de perto – poder-se-ia dizer vivenciar – histórias de superação que, com grande esforço e mobilização, rompem com estigmas e formas naturalizadas de funcionamento institucional.

Torna-se necessário, então, (re)conhecer detalhadamente este ambiente de trabalho e alguns dos ‘problemas’ e críticas – tradicionais e contemporâneos – a ele relacionados. A vivência no cotidiano escolar, a grande quantidade de estudos acadêmicos sobre o assunto e o simples ato de abrir o jornal ou assistir aos noticiários na T.V. evidenciam a situação calamitosa em que se encontra o ensino público. Evasão escolar, histórias de fracasso e desescolarização, turmas lotadas,

¹ Núcleo de Estudo e Pesquisa Professor Álvaro Aguiar (NEPAG-Inclusive). O NEPAG desenvolve parceria com a escola em questão desde o ano de 1997.

absenteísmo, analfabetismo funcional²; constata-se uma precarização continuada das condições de trabalho do professor e, paradoxalmente, dele é cobrado que ofereça aos alunos condições favoráveis para um bom desempenho (Ireland, 2007; Souza e Silva, 2003). Tradicionalmente, os relatos e estudos sobre desempenho escolar insatisfatório no ensino fundamental referem-se à questão da alfabetização. O analfabetismo (funcional ou total) delineia-se como um dos mais graves problemas a serem enfrentados, dadas suas conseqüências severas para o desenvolvimento da pessoa enquanto sujeito e cidadão, tendo influência direta sobre aspectos como auto-estima e participação social (Ribeiro, 2006). Um aluno torna-se uma queixa quando não aprende a ler e escrever, suas características pessoais passam a ser vistas como problemas a serem tratados e a criança ocupa o lugar de objeto de observação e de intervenção. Assim, as queixas dos educadores multiplicam-se e giram em torno dos déficits de aprendizagem, da indisciplina dos alunos, da falta de participação das famílias, da desmotivação para a realização do trabalho, formando um discurso de culpabilização e criando o campo da medicalização da queixa escolar (Abreu, 2006; Machado, 1997).

Apesar deste cenário pessimista, na escola existem crianças que, submetidas a este mesmo contexto, são bem sucedidas no que se refere ao processo de alfabetização/escolarização e ainda aquelas que, após algumas tentativas e fracassos, conseguem dispor de ou contar com mecanismos e práticas que as auxiliam a entrar no mundo das letras. Na escola contemporânea em questão observa-se a proliferação de estigmas e desesperança, sentimentos de fracasso e reprodução da violência, fenômeno altamente complexo e presente em suas diversas formas nos diferentes espaços de relação social.

Frente a este retrato percebe-se que o tema deste trabalho direciona-se não somente a indivíduos isolados ou algumas classes profissionais diretamente relacionadas ao ambiente escolar. Pretende ir além das críticas quanto à medicalização da educação onde, a partir de um processo de cuidado e controle,

² Utiliza-se o termo analfabetismo funcional para descrever a situação em que o mecanismo da leitura e escrita foi adquirido, mas não a capacidade de compreender o que se lê ou escreve. “É considerada analfabeta funcional a pessoa que, mesmo sabendo ler e escrever, não tem as habilidades de leitura, de escrita e de cálculo necessárias para viabilizar seu desenvolvimento pessoal e profissional.” (Ribeiro, 2006). Em contrapartida, “é considerada alfabetizada funcional a pessoa capaz de utilizar a leitura e escrita para fazer frente às demandas de seu contexto social e de usar essas habilidades para continuar aprendendo e se desenvolvendo ao longo da vida.”

os problemas seriam diagnosticados e delegados ao outro com o objetivo de cura. Trata-se de uma discussão ética, como proposta por Jobim e Souza (2001), sobre o compromisso de toda a sociedade e de cada um de nós com a educação nos dias de hoje, trazendo à tona a importância do reconhecimento, e talvez redefinição, da função social da escola, seu impacto sobre alunos, famílias, professores e profissionais da educação, todos participantes desta mesma sociedade.

O processo de escolarização pode então ser compreendido de forma ampla, resultante da articulação entre diversos aspectos: éticos, políticos, sociais, individuais. Como propõe Lima (2002), seria o resultado do desenvolvimento, da aprendizagem, da socialização e da formação da personalidade. Portanto, qualquer estudo que envolva tal processo deve dedicar especial atenção às conceituações a elas adjacentes. Assim, com o olhar voltado para a relação entre o processo de escolarização e a subjetividade torna-se providencial utilizar como base para discussão, no campo da Psicologia, autores que tenham uma concepção do sujeito constituído socialmente.

Considerando o desenvolvimento humano como sendo de natureza biológica e cultural, a teoria winnicottiana das provisões ambientais destaca-se trazendo um aporte teórico substancial para pensar as condições em que o ambiente institucional – neste caso o escolar – pode favorecer o desenvolvimento subjetivo do ponto de vista das relações afetivas. Numa visão inspirada por Winnicott, é indispensável considerar a importância de todas as agências de socialização nos diferentes momentos de desenvolvimento da criança como recursos secundários de integração que a cultura pode oferecer ao longo da vida, ou seja, “enquanto apoios/espelhos capazes de potencializar o uso da capacidade de criação simbólica” (Bittencourt, 2002, p.110). Além de ser reconhecida como um lugar de ensino/aprendizagem, a escola ocupa também um lugar central como agente secundário de socialização.

Michel Foucault, com sua fundamental contribuição sobre sujeito, saber e principalmente sobre o poder, aponta como as instituições funcionam como lugares de controle e reprodução de poder. Símbolo do conhecimento relacionado à tradição, a escola exige de seus alunos disciplina baseada na passividade, excluindo a criança de um processo ativo e criativo de conhecimento. O cenário descrito desperta no pesquisador deste campo inúmeras reflexões: Como, historicamente, a escola chega ao lugar em que se encontra hoje e com que

práticas nos deparamos dentro dela? Qual a função da escola contemporânea? Que tipo de conhecimento/saber é privilegiado no contexto escolar? Além destas questões, levando em consideração a noção *positiva* que Foucault confere ao Poder (Caliman, 2001), vê-se a importância deste como um sistema de forças que criam realidade, desejos, corpos, sujeitos (1977, 1999). Nessa perspectiva encontra-se novamente a escola enquanto instituição que forma, acima de tudo, sujeitos.

Delimita-se como objetivo geral deste trabalho identificar práticas no campo escolar que rompem o ciclo vicioso da violência e da exclusão no contexto escolar. Particularmente, pretende-se discorrer sobre as especificidades do sistema escolar enquanto fator diferencial na formação dos sujeitos-alunos, ressaltando e experiência da Folia das Crianças³ como umas das diversas possibilidades de inserção e participação ativa dos alunos no contexto escolar. Em outras palavras, aquilo que, através da cultura, delineia o sentimento de pertencimento à instituição Escola e facilita a instalação do que será chamado de *Ciclo Virtuoso* nas relações sociais destas crianças e jovens, conferindo-lhes um novo lugar em suas vidas a partir da experiência escolar.

Traçado este objetivo, inicia-se a construção de uma dissertação que é também um caminho; através de um relato de experiência, são trazidas trajetórias realizadas por alunos na escola, professores, autores que embasam com suas teorias as práticas explicitadas, memórias, lugares, discursos, palavras. Michel de Certeau, em “A Invenção do Cotidiano – Artes de Fazer”, não só oferece um aporte teórico fundamental para a escolha de métodos na pesquisa de campo e para a inserção do pesquisador, como também traz a contribuição de um olhar sobre as *estratégias* e *táticas*, ou seja, sobre a relação entre os lugares e os não-lugares, realçando procedimentos que, por sua criatividade, subvertem a ordem e o poder.

Desta forma, Certeau, numa postura metodológica que se aproxima de Benjamin e Bakhtin, apresenta a possibilidade de produção do conhecimento a partir de uma abordagem dialógica, em que o ser humano apresenta-se enquanto sujeito tanto no lugar do pesquisador quanto no lugar de campo de pesquisa. Estes lugares, então, não são lugares rígidos, estão repletos de significados próprios e ao

³ Grupo de crianças que encena e traz para a escola a experiência da Folia de Reis, forte expressão cultural no Dona Marta que será cuidadosamente exposta neste trabalho.

mesmo tempo em constante interação com o meio. Por isso, lugares são reconstruídos, adquirem novos sentidos, sujeitos refazem seu trajeto a partir da possibilidade de escolher novos percursos, revelando o processo constante de formação da subjetividade e sua relação criativa com o meio ambiente.

Assim, enfatizando o potencial criativo referente às *táticas*, pretende-se pensar o surgimento da Folia das Crianças como um procedimento que, advindo de crianças excluídas do processo de alfabetização, possibilita a ocupação destas em um novo lugar no sistema instituinte (educacional, social, etc).

Este trabalho busca, então, acompanhar a “Folia de Reis” como acontecimento na comunidade e a integração desta manifestação cultural no espaço escolar. Como os atores sociais da comunidade e da escola participam deste acontecimento? Que mudanças a Folia das Crianças provocou e qual o impacto que continua exercendo sobre os alunos? Qual o seu impacto sobre os professores e o que é construir uma pedagogia pautada na relação com a cultura da comunidade local? Quais são os impasses institucionais? Quais são os resultados disto na dinâmica de desconstrução do fracasso escolar?

O trabalho de campo desenvolvido tem como base a análise dos registros relacionados ao surgimento e acompanhamento da Folia das Crianças desde a época de seu surgimento, o acompanhamento de ensaios da Folia das Crianças durante seis meses e análise do diário de campo produzido neste período, e, finalmente, a realização de entrevistas com alunos fundadores da Folia até hoje integrantes da expressão cultural e com professores que participaram deste processo.